

MEMÓRIA E HISTÓRIA DA MATINHA: MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS DE VIDA DA COMUNIDADE NEGRA RURAL DE MATINHA DOS PRETOS COMO FONTE PARA A HISTORIOGRAFIA DA ESCRAVIDÃO EM FEIRA DE SANTANA

Railma dos Santos Souza¹; Lucilene Reginaldo²

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando em Licenciatura em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: railmass@gmail.com
2. Orientadora, Professora Adjunta do DCHF-UEFS, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: lureginaldo@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Matinha dos Pretos; Escravidão; Memória

INTRODUÇÃO

Embora os estudos sobre a escravidão baiana estejam concentrados majoritariamente na cidade de Salvador e no recôncavo do estado, surgem desde a década de 1990 trabalhos importantes enfocando a centralidade de Feira de Santana enquanto território de engenhos, concentrados em sua maioria na região de Humildes e Limoeiro, região da cidade com solo mais próximo ao encontrado no recôncavo do estado¹. Na década de 1960 Rollie Poppino² coloca que não foram os europeus os primeiros a fixarem moradia na gleba que se tornaria o município de Feira de Santana, ao chegarem estes a encontraram habitada por índios Aimoré e Paiaiá, além da presença em apreciável quantidade de negros nas vizinhanças da serra das Itapororocas e Orobó, descendentes de moradores de quilombos existentes no século dezessete, destruídos pelos criadores de gado. Tal afirmação traz à tona a participação do elemento negro na formação de Feira de Santana bem como a existência de quilombos na região. O trabalho de Flaviane Ribeiro mostra a importância da cidade de Feira de Santana não apenas como território de trânsito de gado e produtos agrícolas, mas, conforme descreve: “Feira de Santana foi fundamental no comércio regional de seres humanos, o que denota que a sua vocação comercial contemplava um leque diversificado de mercadorias”.

A comunidade de Matinha dos Pretos surgiu a partir da Fazenda Candeal, propriedade registrada em nome de José Vitorino de Oliveira, em 1854. A viúva deste, Maria Alvina de Oliveira casa-se pela segunda vez com João Justiniano Ferreira Bastos, sua filha Elvira Bastos de Oliveira, casa-se com Antônio Alves de Freitas Borja, que por ser o mais recente proprietário da fazenda e ter um filho de mesmo nome, Dr. Antônio Alves de Freitas Borja, está mais presente nas memórias da comunidade.³

METODOLOGIA

Para a análise da memória da localidade foram utilizadas entrevistas realizadas pelo projeto *Retratos da Matinha*, do Museu Casa do Sertão/UEFS⁴, entrevistas

¹ FREIRE, Luis Cleber Moraes. Nem tanto ao mar, nem tanto à terra: agropecuária, escravidão e riqueza em Feira de Santana, 1850-1888. Salvador. Dissertação de Mestrado, UFBA, 2007.

² POPPINO, Rollie. Feira de Santana. Bahia: Editora Itapuã - Coleção Baiana, 1968.

³ Informações provenientes do cruzamento realizado com a seguinte documentação: APEB. Classificação: 1/192/336/05; 08/3421/01; 01/238/440/08. CEDOC. Classificação: 06/169/2646 – Antonio Alves de Freitas.

⁴ Disponível na BSMG.

concedidas a Frederico Sento Sê⁵ e entrevistas realizadas durante a vigência do presente trabalho. Foi ainda utilizado um vídeo-documentário intitulado *Cantos da Matinha*, também feito pelo projeto *Retratos da Matinha*.⁶

As entrevistas realizadas nesta pesquisa foram orientadas por roteiros semi-estruturados com perguntas relacionadas à trajetória de vida dos/as entrevistados, sobre a ascendência familiar, sobre a memória acerca da Fazenda Candeal bem como acerca da escravidão e da formação do povoado de Matinha.

Após a realização da entrevista a mesma era transcrita e analisada a fim de retirar informações relevantes para o cruzamento das entrevistas entre si e, destas com as informações contidas nas fontes provenientes do Poder Judiciário.

A partir das informações obtidas nas entrevistas analisadas seguiu-se à análise de documentação referente à Fazenda Candeal existente no APEB (Arquivo Público do Estado da Bahia, foram encontrados e fichados três inventários datados respectivamente de 1854/1878, 1863/1878 e 1882. Analisei também dois testamentos e um arrolamento presentes no CEDOC/UEFS (Centro de Documentação e Pesquisa da Universidade Estadual de Feira de Santana) referentes à região.

Os moradores da localidade costumeiramente faziam referencia a uma epidemia de peste bubônica ocorrida na região na década de 1920. Teria sido essa epidemia importante para a formação da atual comunidade de Matinha. A partir das informações obtidas nas entrevistas parti para a análise de jornais do período. Encontrei informações sobre a epidemia em algumas edições do *Jornal Folha do Norte* do ano de 1922⁷.

Por fim, cruzei as informações obtidas a partir das entrevistas com as informações obtidas nos periódicos e documentação proveniente do judiciário.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO

A análise dos inventários existentes no APEB sobre a Fazenda Candeal nos levou a perceber aspectos referentes à realidade desta, aos/as trabalhadores/as da fazenda ao longo da última metade do século XIX, à divisão sexual, etária e étnica do trabalho realizado nesta.

A documentação analisada no CEDOC nos levou a pensar sobre as diferentes formas, e o diferente marcos de fundação, a partir dos quais a localidade de Matinha aparece nas fontes do Judiciário e na memória dos moradores da localidade.

O cruzamento de informações provenientes do último inventário da fazenda Candeal⁸ com o testamento⁹ do tenente coronel Antônio Alves e as informações provenientes das entrevistas dos moradores da região, que afirmavam que este teve filhos com suas escravas, nos permitiu perceber que tal fato possivelmente ocorreu, posto que os nomes das três mulheres com as quais ele afirma ter tido seus 18 filhos naturais são os mesmos nomes das três escravas que aparecem nos inventario de 1882. Veridiana e Avelina, que então tinham 11 anos e Julita cuja idade não aparece no inventário.

5 Bolsista de Iniciação Científica do Projeto Itinerários da Memória: Comunidades Negras Rurais no Paraguaçu (1880-1940) no período 2008/2009, com o plano de trabalho memórias da Matinha, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Lucilene Reginaldo.

6 Disponível na sala de multimeios da BCJC.

7 Disponível na BSMG

⁸ Inventário de Elvira Bastos de Oliveira Borja a Antonio Alves de Freitas Borja. Período: 1882 – 26 páginas. APEB. Classificação: 01/238/440/08.

⁹ Testamento do tenente-coronel Antonio Alves de Freitas, tendo como seu testamenteiro o Sr. Manoel Brito Portugal. CEDOC/UEFS. Localização: E: 06/Cx: 169/Doc: 2646.

Há na memória local a existência de uma epidemia de peste bubônica em 1922 na localidade de Jacu, pertencente ao atual distrito de Matinha, que culminou na promessa de uma moradora da região a São Roque que se a epidemia não se alastrasse até a comunidade de Matinha esta mandaria fazer um cruzeiro em sua homenagem, não chegando a epidemia até a localidade, a moradora, identificada na memória local por D. Antônia, cumpriu com a sua promessa, o que levou à seqüente fundação da capela da Matinha e a construção de casas aos redores, dando origem à atual comunidade de Matinha, sede do distrito de mesmo nome.

O jornal Folha do Norte de 1922¹⁰ traz diversas matérias sobre a peste bubônica, que afetou a população do arraial de Jacú, pertencente então à freguesia de São José das Itaporocas, aquela atualmente pertencente ao distrito de Matinha, o jornal traz algumas notícias sobre “casos suspeitos” e sobre a atuação do governo no combate à doença na cidade. O jornal, através da veiculação dessas informações, tenta trazer a imagem da cidade enquanto local de pessoas civilizadas e que já não direcionam suas ações a partir da Igreja, ao contrário do morador da zona rural, que precisa da Igreja, ou do cidadão para instruí-lo sobre as práticas de higienização.

Através das entrevistas com os/as moradores/as também que são os moradores mais antigos os que enfatizam a inexistência de memória acerca da escravidão. Os moradores mais jovens afirmam ter conhecimento sobre o passado escravista da localidade e mesmo empenham-se pelo reconhecimento da comunidade enquanto remanescente de quilombo. Demonstrando assim o interesse dos moradores mais jovens da localidade em reconhecer o passado escravista e principalmente a resistência à escravidão na comunidade para que possam acessar os direitos pertinentes às comunidades negras rurais egressas do cativeiro.

Alguns moradores creditam a formação do atual povoado ao quilombo histórico formando nas terras da Fazenda Candeal que por serem tão extensas permitiam que os escravos ficassem escondidos dentro da sua propriedade em mata cerrada e pequena, daí o nome Matinha. Outros creditam a formação da comunidade ao fincamento do cruzeiro, na década de 1920, memória recorrente na fala dos moradores/as. Os registros do judiciário fazem referência à localidade de Matinha em 1924 - registro do arrolamento o em decorrência da morte de Joanna Pereira das Virgens, casada com Macário Pereira de Almeida, no ano de 1924 e que deixa a sua posse de terra para este e seus filhos. O Sr. Macário aparece na memória de alguns moradores enquanto um dos doadores das terras para a fundação da atual sede do distrito de Matinha. Ou ainda a informação de que o Sr. Antonio Marinho Ferreira morava, no ano de 1903, em sua fazenda denominada Matinha.

Percebe-se assim, as disputas em torno da memória da região, enquanto os jovens militantes do distrito buscam enfatizar o passado escravista a fim do acesso aos direitos pertinentes aos moradores de comunidades remanescentes de quilombos. Os mais velhos, que vem na posse da terra a liberdade de fato, buscam enfatizar os conflitos recentes, na década de 1960, por conta da posse definitiva das terras da antiga Fazenda Candeal, conflito que resultou na conquista definitiva da posse das terras por estes. Assim, faz-se entender a ausência de interesse em resgate da memória da escravidão por parte destes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

10 Disponível na BSMG/ Museu Casa do Sertão - UEFS.

A realização da presente pesquisa buscou contribuir para a história das populações negras em Feira de Santana, através da busca da visibilidade da memória dos/as moradores/as das localidades de Candéal e Matinha.

As entrevistas com membros destas duas comunidades permitiram analisar aspectos da memória coletiva local que relacionam a formação da comunidade com o período da escravidão, a partir da resistência a esta com a formação do quilombo “Matinha dos Pretos”. Estas, junto à leitura de bibliografia já existente sobre a localidade, foram fundamentais para que ao buscar as informações sobre a comunidade nos arquivos do Judiciário e nos periódicos, tivéssemos perguntas a fazer a esta documentação. Perguntas que em sua maioria não foram respondidas, mas que serviram para construir um caminho teórico-metodológico no trato com as fontes que tratam sobre o tema.

Foi possível perceber as complexidades em torno da formação da memória da comunidade que, conforme o cruzamento de fontes, tem diferentes “marcos históricos” fundamentais para a sua formação. Assim, infere-se que a comunidade da Matinha contemporânea pode não ter vínculo com o quilombo histórico. Mas, que as evidentes disputas em torno da memória da localidade denotam a maneira como se dá a apropriação do passado da comunidade por parte dos moradores a partir de variantes como faixa etária, relação com propriedade da terra, etc..

O trabalho iniciou uma busca, ainda que árdua e tardia, da reconstituição do cotidiano escravista da Fazenda Candéal. A partir da análise, mesmo que superficial, das características do trabalho escravo empreendido na fazenda e mesmo dos possíveis laços familiares estabelecidos entre os pertencentes à realidade da Fazenda Candéal de ontem, com os/as atores sociais das atuais comunidades de Matinha e Candéal.

Assim, o presente trabalho buscou percorrer, através das fontes, os diferentes caminhos que levaram à formação da atual Matinha. Explorando aspectos do cotidiano e das trajetórias de vida dos/as moradores/as da localidade, a fim de contribuir para a historiografia da escravidão e das poluições descendentes dos escravizados (as) em Feira de Santana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. **Fontes Orais: Histórias Dentro da História**, p.170. In: PINSKY, Carla Bassanezi (organizadora). *Fontes Históricas – São Paulo: Contexto*, 2005.
- FRAGA FILHO, Walter. **Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia, 1870-1910**. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2006.
- FREIRE, Luiz Cléber Moraes. **Nem Tanto a Terra, Nem tanto ao Mar: terra, gado e escravidão no Vale do Jacuípe (1833 – 1888)**. (dissertação de mestrado), UFBA: Salvador, 2007.
- NASCIMENTO, Flaviane Ribeiro. **E as mulheres da Terra de Lucas? Quotidiano e resistência de mulheres negras escravizadas (Feira de Santana, 1850-1888)**. Monografia de conclusão do curso de Licenciatura e História, UEFS-DCHF. Feira de Santana/Bahia, 2009.
- POPPINO, Rollie. **Feira de Santana**. Bahia: Editora Itapuã – Coleção Baiana, 1968.
- RIOS, Ana Lugão; MATTOS, Hebe Maria. **Memórias do cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- SÉ, Frederico Nascimento Sento. **Memórias da Matinha**. Monografia de conclusão do curso de Licenciatura e História, UEFS-DCHF. Feira de Santana/Bahia, 2009.
- THOMPSON, Paul Richard. **A voz do passado: história oral**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.